



ESCOLA DE GUERRA NAVAL



NÚCLEO DE AVALIAÇÃO
DA CONJUNTURA

BOLETIM

GEOCORRENTE

26 de novembro de 2020

ISSN 2446-7014

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

ANO 6 • N° 129

DISPUTAS MARÍTIMAS NAS ILHAS NATUNA

ESTE E OUTROS 14 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO



O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

DIRETOR DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE PAULO CÉSAR BITTENCOURT FERREIRA

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

CONSELHO EDITORIAL

EDITOR RESPONSÁVEL

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO F. DE MATTOS (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

CAPITÃO-TENENTE BRUNO DE SEIXAS CARVALHO (EGN)
JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)
NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)

DESIGN GRÁFICO

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)

DIAGRAMAÇÃO

PEDRO DA SILVA DE ALBIT DE PENEDO (UFRJ)

PESQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

ÁFRICA SUBSAARIANA

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)
BRUNO GONÇALVES (UFRJ)
FRANCO NAPOLEÃO A. DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-Rio)
ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)
JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)
VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UERJ)

AMÉRICA DO SUL

CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (UFRJ)
GABRIELA DE ASSUMPTÃO NOGUEIRA (UFRJ)
MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)
PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIV. DE SANTIAGO)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)
JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)
RAFAEL ESTEVES GOMES (UFRJ)
VICTOR CABRAL RIBEIRO (PUC-Rio)
VICTOR EDUARDO KALIL GASPARGILHO (EGN)

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 350 palavras ao processo avaliativo por pares.

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GECORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)
GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)
PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-Rio)
RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

EUROPA

MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)
NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)
THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)
VICTOR MAGALHÃES LONGO DE CARVALHO MOTTA (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)
LUÍS FILIPE DE SOUZA PORTO (UFRJ)
MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)
PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)
RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)
VINICIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ADEL BAKKOUR (UFRJ)
ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)
ANDRÉ FIGUEIREDO NUNES (ECEME)
ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)
DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)
PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)

RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)
LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)
PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)
PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

IASMIN GABRIELE NASCIMENTO DOS SANTOS (UFRJ)
MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)
THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)
VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

SUL DA ÁSIA

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)
MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)
REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

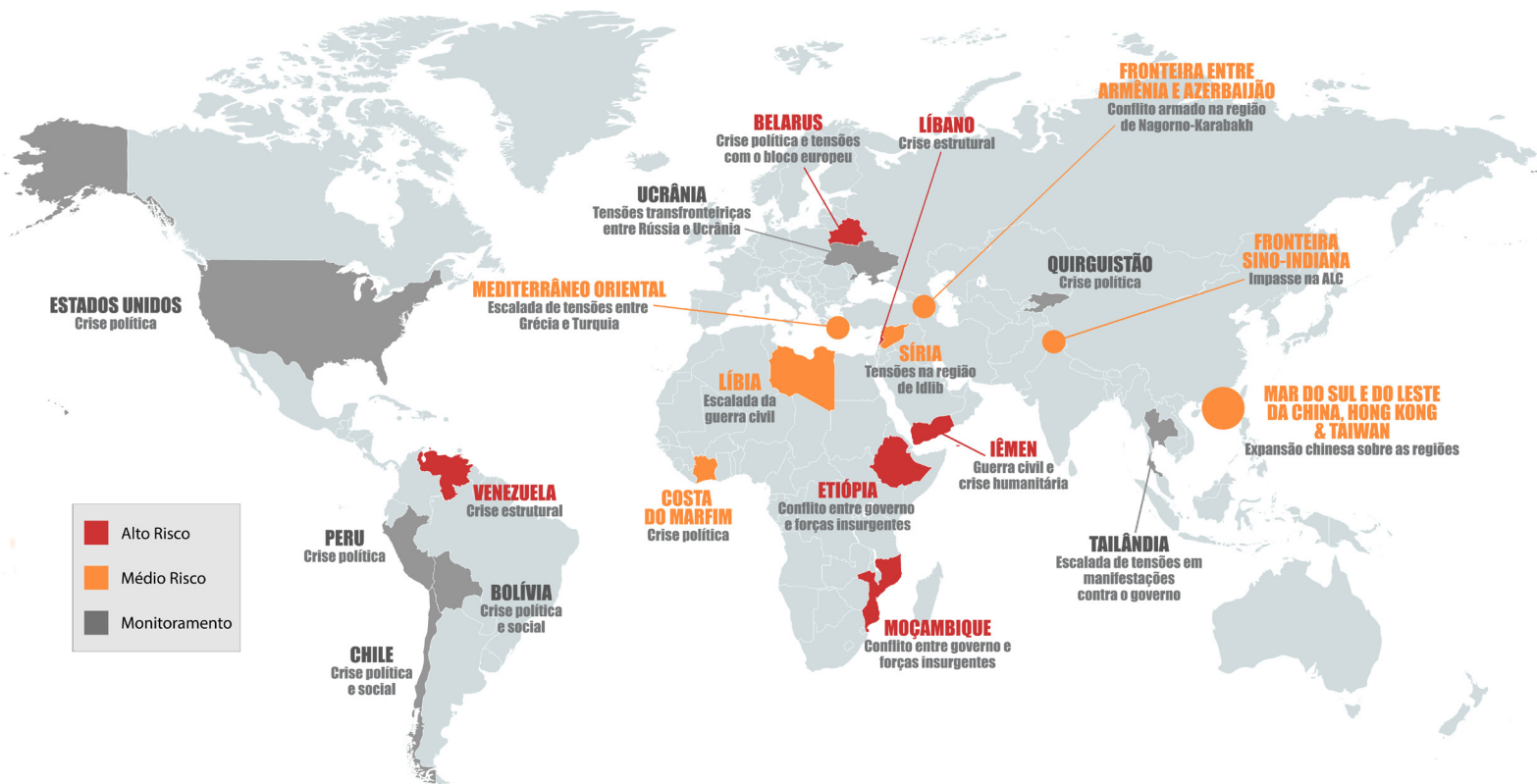
ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)
LOUISE MARIE HUREL SILVA DIAS (LONDON SCHOOL OF ECONOMICS)

ÍNDICE

<p>AMÉRICA DO SUL</p> <p>Instabilidade multifacetada do Peru: crise político-institucional, sanitária e geopolítica5</p> <p>O conflito das Malvinas: mais um embargo britânico à Argentina.....6</p> <p>AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL</p> <p>Armamentos das futuras fragatas canadenses6</p> <p>ÁFRICA SUBSAARIANA</p> <p>Etiópia: rumo à guerra civil7</p> <p>EUROPA</p> <p>O Comando Espacial da OTAN8</p> <p>Novo orçamento de Defesa sinaliza as prioridades do Reino Unido8</p> <p>ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA</p> <p>O protagonismo russo na Síria9</p> <p>Uma nova tentativa para encerrar a guerra civil na Líbia.....10</p> <p>RÚSSIA & Ex-URSS</p> <p>Os novos contornos da investida russa na África e sua base naval no Sudão....10</p>	<p>LESTE ASIÁTICO</p> <p>Eleições dos EUA e a política externa japonesa 11</p> <p>África, Brasil e EUA em meio à segurança alimentar chinesa 12</p> <p>SUL DA ÁSIA</p> <p>Modernização na Defesa e reorganização das Forças Armadas indianas 13</p> <p>SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA</p> <p>Disputas marítimas nas Ilhas Natuna..... 14</p> <p>ÁRTICO & ANTÁRTICA</p> <p>A (não tão) nova estratégia russa para o Ártico 15</p> <p>TEMAS ESPECIAIS</p> <p>Novas guerras: armas autônomas e companhias militares privadas 15</p> <p>Artigos Selecionados & Notícias de Defesa..... 16</p> <p>Calendário Geocorrente..... 16</p> <p>Referências..... 17</p> <p>Mapa de Riscos.....18</p>
--	--

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

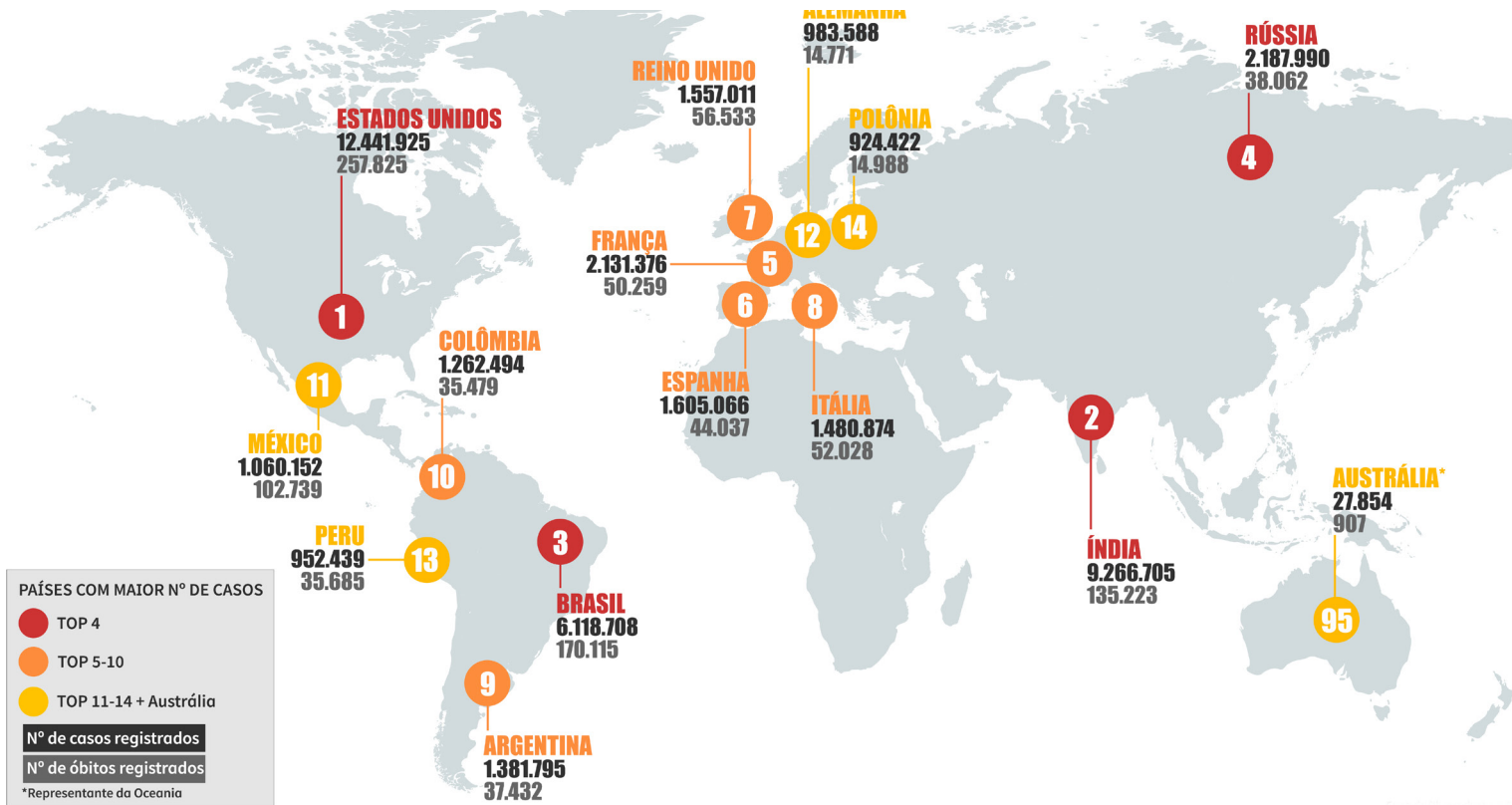


Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 18.

ACOMPANHAMENTO COVID-19

PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "WHO COVID-19 Dashboard", publicado no dia 26 de novembro de 2020.



ACOMPANHAMENTO DAS VACINAS

VACINAS COVID-19

Principais vacinas sendo produzidas

Nome	Organização	País de produção	Aprovado para uso prévio	Estágio
AZD1222	AstraZeneca; University of Oxford		-	II & III
CoronaVac	Sinovac Biotech; Instituto Butantan; Bio Farma		Aprovado para uso prévio na China	III
-	Wuhan Institute of B. P.; Sinopharm		Aprovado para uso prévio nos EAU	III
BBIBP-CorV	Beijing Institute; Sinopharm		Aprovado para uso prévio nos EAU	III
mRNA-1273	Moderna		-	III
Sputnik V	Gamaleya Research Institute		Aprovado para uso prévio na Rússia	III
Ad5-nCov	CanSino Biologics		Aprovado para uso prévio na China	III
Ad26.COVS.2.S	Beth Israel; Johnson & Johnson		-	III
NVX-CoV2373	Novavax		-	III
BNT162b2	BioNTech; Pfizer; Fosun Pharma		-	II & III
Covaxin	Indian Council of M. R.; National Inst. V.; Bharat B.		-	III

Fontes: Organização Mundial da Saúde; The New York Times

Instabilidade multifacetada do Peru: crise político-institucional, sanitária e geopolítica

Pedro Kilson

No dia 09 de novembro, o Congresso peruano destituiu o então presidente Martín Vizcarra, decisão fundamentada em um argumento de incapacidade moral, aliado a esquemas de corrupção nas relações entre o Estado e grandes construtoras. Nesse sentido, Manuel Merino, presidente do Parlamento, torna-se chefe do Executivo em meio a fissuras no sistema político, uma vez que representa a terceira presidência desde o ano de 2016. Tal movimento recrudesceu os atritos entre sociedade e governantes, desdobrando-se numa ampla escalada de manifestações e violência no país andino, nas semanas seguintes. Em 15 de novembro, a morte de dois manifestantes pró-restituição de Vizcarra atestou a intensidade dos confrontos entre sociedade e forças de segurança, bem como foi capaz de fortalecer a pressão social pela destituição do presidente interino recém-empossado. Posteriormente, Francisco Sagasti foi empossado pelo Congresso e se torna liderança no processo de transição política.

Há pelo menos quatro anos, o cenário político peruano atravessa intensas instabilidades político-institucionais e sociais. A essência das debilidades políticas se concentra em âmbito institucional, esfera na qual se materializam conflitos entre os poderes Executivo e Legislativo. Embora duradouros e sempre latentes, foi a partir do

segundo semestre de 2020 que os atritos sociopolíticos atingiram as estruturas institucionais do Estado peruano de maneira mais considerável. Ademais, a crise ganhou contornos econômicos e geopolíticos, em razão do impacto da pandemia da COVID-19 no país, bem como da intensificação de problemáticas fronteiriças relacionadas ao narcotráfico, contrabando, tráfico de armas e processos irregulares de migração.

O Peru enfrenta uma confluência de processos desestabilizadores. A histórica porosidade das fronteiras se aprofundou em meio à crise política e à pandemia, conjuntura que visibilizou problemáticas vinculadas ao contrabando e à violência estrutural. Dessa forma, a região fronteiriça entre Peru e Equador representa um cenário de confronto entre distintos grupos armados dedicados ao controle de rotas clandestinas, direcionadas ao contrabando e passagem irregular de pessoas. O desenvolvimento do crime organizado se deu paralelamente à construção de um muro em 2017, por parte do Estado equatoriano, visando conter as atividades criminosas. A gestão Sagasti deverá erguer-se em um panorama social e geopoliticamente bastante conflituoso, tentando conduzir o Peru às eleições gerais de abril de 2021, com um mínimo de estabilidade.



Em 30 de outubro de 2020, a *Korea Aerospace Industries* (KAI), empresa sul-coreana de defesa, noticiou o cancelamento da venda de aeronaves *FA-50 Fighting Eagle* para Argentina. A suspensão se deu em função do embargo de armas do Reino Unido contra a Argentina, existente desde 1982, após o conflito das Malvinas. A empresa alegou que, por existirem seis componentes de origem britânica nas aeronaves, não seria possível comercializá-las com a Argentina. O comunicado foi mal recebido pelo governo argentino, que criticou abertamente o Reino Unido pelo ocorrido.

Não é a primeira vez que os argentinos são impedidos de terem acesso a ativos militares através de compras internacionais devido ao embargo britânico. Em 2014, quando o Brasil fechou a compra dos caças *Gripen* da sueca SAAB, a Argentina tentou uma aproximação com a empresa, mas as negociações não foram adiante, dada a origem britânica de alguns componentes dessas aeronaves. Destaca-se a condição defasada das aeronaves militares argentinas, o que também pode ser estendido às forças terrestres e navais do país ([Boletim 20](#)).

De acordo com o site *Global Firepower*, a Argentina possui 227 unidades disponíveis à Força Aérea, ocupando o 43º lugar neste *ranking*. Para efeito comparativo, o Brasil ocupa o 16º lugar com 715 unidades dessa natureza. Dessas, a principal força de caças encontra-se nas 12 unidades fornecidas pela *Lockheed Martin*, dos EUA, no final dos anos 1990. Trata-se de aviões modernizados com mais de 20 anos de utilização após o processo.

Sendo assim, a idade, tempo de uso das aeronaves e a consequente necessidade de reposição de peças levam a Argentina a buscar outros parceiros comerciais, tornando os EUA um fornecedor natural. No entanto, o mais provável é a compra de oportunidade a partir de aeronaves consideradas como “Excesso de Artigos de Defesa” (EDA), tal como foi o caso das aeronaves de patrulha marítima *P-3C Orion*, também da *Lockheed*, em 2019. Ademais, é sempre aventada a possibilidade de buscar fornecedores russos ou chineses, como foi o caso da aproximação argentina com a China para a aquisição dos *JF-17* ([Boletim 20](#)), que não seguiu adiante.

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Armamentos das futuras fragatas canadenses

Jéssica Barreto

No início de novembro de 2020, a *Royal Canadian Navy* (RCN, sigla em inglês) divulgou um novo modelo dos seus Navios de Combate em Superfície (CSC, sigla em inglês), trazendo detalhes sobre futuros armamentos. O programa de construção de 15 embarcações faz parte da estratégia de construção naval (NSS, sigla em inglês) lançada em 2010 pelo governo, com o objetivo de revitalizar a indústria naval, gerar benefícios econômicos para a sociedade e reequipar a Marinha e a Guarda Costeira. A construção do CSC está sob a responsabilidade do *Irving Shipbuilding Inc.*, localizado em Halifax, Nova Scotia, em parceria com a *Lockheed Martin Canada* e a *Bae Systems*. O estaleiro apresenta-se como um dos grandes empregadores da província, impactando diretamente na economia nacional. Assim, há um esforço coletivo para garantir mão de obra qualificada e fornecedores competitivos na região.

Entre os sistemas apresentados, destaca-se na composição das fragatas o uso dos *Naval Strike Missile* (NSM), *Tomahawk Land Attack Missile* (TLAM) e *RIM-162 Evolved Sea Sparrow Missile* (ESSM). O NSM configura-se em um míssil de quinta geração, utilizado por diferentes Marinhas europeias e uma das principais

armas de guerra contra alvos de superfície da embarcação, tendo alcance de até 100 milhas náuticas e velocidade subsônica. Já o TLAM é um míssil de cruzeiro fabricado pela *Raytheon*, nos EUA, com alcance de 900 milhas náuticas. Até o momento esse míssil só é utilizado pela Marinha estadunidense e britânica; se for confirmado, o Canadá será o segundo país a conseguir importá-lo. O ESSM é um míssil guiado por radar que vem sendo desenvolvido por um consórcio liderado pela OTAN.

O programa de construção dos CSC é o mais importante para a RCN atualmente, pois recapitalizará toda a sua base, mas tem tido atrasos no cronograma nos últimos anos. Sua principal meta é garantir uma força versátil e eficaz, que possa atuar em diferentes cenários, e com aliados, por longos períodos. Ademais, com esse projeto, o país tem frisado a importância da interoperabilidade com seus principais parceiros, e a necessidade da integração de dados, sendo capaz de compartilhar informações significativas com aliados em uma rede de defesa. Essa integração também garante a prática do conceito de *e-navigation*, cunhado pela Organização Marítima Internacional.

Etiópia: rumo à guerra civil

Franco Alencastro

A Etiópia parece estar entrando em um estado de guerra civil. No dia 04 de novembro de 2020, tropas da Frente Popular de Libertação do Tigray (FPLT) atacaram um quartel das Forças Armadas etíopes em Mekele, capital da região do Tigray, no norte da Etiópia. Horas depois, o primeiro-ministro etíope, Abiy Ahmed, declarou o início de uma ofensiva contra o Tigray e a FPLT. Desde então, tropas ligadas à FPLT foram apontadas como responsáveis por um ataque na vila de Mai-Kadra, na fronteira do Tigray, que resultou na morte de centenas de civis.

O conflito tem suas raízes na transformação da política etíope nos últimos anos. A FPLT, que atua também como partido político, era o mais poderoso integrante da coalizão que governou o país entre 1991 e 2018. Naquele ano, a ascensão de Abiy Ahmed prejudicou a FPLT, e o partido recusou-se a participar da nova coalizão de governo formada por Ahmed no ano passado. Em setembro, o governo federal etíope não reconheceu as eleições regionais do Tigray, tendo ordenado o adiamento de todas as eleições até o fim da pandemia da COVID-19.

Por fim, um motivo internacional para a erupção do conflito é a reaproximação entre Etiópia e Eritreia, com a primeira reconhecendo a posse pela Eritreia de territórios localizados no Tigray e disputados pelos dois países desde o conflito de 1998.

O novo conflito no Tigray é o mais recente desafio enfrentado pelo governo de Abiy Ahmed, que há alguns meses precisou lidar com protestos na sua região natal, a Oromia. Nos últimos anos, a Etiópia havia emergido como líder regional, graças ao crescimento de sua economia e os esforços diplomáticos do governo Ahmed. Desde 2019, no entanto, esse quadro se reverteu, e a Etiópia se encontra mais próxima do que nunca do quadro de guerra civil que caracterizou o país nos anos 1970 e 1980. Com o agravamento do conflito, o envolvimento e mediação por atores externos cresce como possibilidade. O destaque é a China, potência que possui investimentos consideráveis no país, a exemplo da ferrovia entre Djibuti e Addis Abeba, concluída em 2017 a um custo de US\$ 4,5 bilhões.



O Comando Espacial da OTAN

Thaís Dedeo

Reunidos no final de outubro deste ano, os ministros da Defesa dos 29 países da OTAN anunciaram a criação de um centro espacial alojado nas instalações existentes do Comando Aéreo Aliado em Ramstein (Alemanha) para monitorar o espaço e satélites, apoiar operações militares, compartilhar dados sobre possíveis ameaças e melhor coordenar as capacidades espaciais dos países membros para desafios futuros. Previsto para iniciar o seu trabalho nos próximos meses, o Centro Espacial da OTAN contará com uma pequena equipe de oficiais e peritos que já trabalham no comando de Ramstein.

Em junho de 2019, a OTAN já havia adotado uma política espacial para orientar sua abordagem ao espaço e garantir o apoio adequado às suas operações e missões em áreas como comunicação, navegação e inteligência. Devido ao uso de satélites, a OTAN pode responder a crises, detectar lançamentos de mísseis e implementar suas missões de maneira rápida e eficaz, além de garantir sua segurança coletiva. Entretanto, com 40% de sua rede de comunicação representada por satélites, a Aliança está cada vez mais dependente de informações fornecidas por

estes. Posto isto, há possíveis riscos de vulnerabilidade: satélites podem ser hackeados ou bloqueados e sistemas antissatélite, como os que estão em desenvolvimento na China e na Rússia, podem prejudicar comunicações e operações da OTAN. Por exemplo, em 2019, a Noruega acusou a Rússia de interferir nos sistemas de comunicação e de bloquear os sinais de GPS das Forças Armadas norueguesas.

Para se manter à frente no mundo da tecnologia em rápida evolução à medida que o espaço se torna um ambiente cada mais competitivo e imprevisível, a OTAN irá investir US\$ 1,18 bilhão na aquisição de serviços de comunicações por satélite (SATCOM) para o período de 2020-2034. Trata-se do maior investimento da Aliança do tipo, permitindo comunicações mais resilientes e flexíveis com navios no mar, meios aéreos e tropas em todo o mundo. Portanto, o espaço configura-se ainda mais enquanto meio militarizado, o que nos faz indagar sobre como o pacto de defesa coletiva (Artigo 5º) poderá vir a ser interpretado de acordo com as novas ameaças provenientes do espaço.

Novo orçamento de Defesa sinaliza as prioridades do Reino Unido

Nathália do Vale

“A era de reduzir o orçamento de Defesa acaba agora”.

Foi assim que o premiê britânico, Boris Johnson, anunciou, no último dia 18, um aumento de US\$ 21,9 bilhões nos investimentos em Defesa para os próximos quatro anos. É um aumento histórico para a pasta, que vem sofrendo cortes desde o governo do também conservador David Cameron, em 2010. Ao todo, o setor receberá um investimento de US\$ 24,1 bilhões no período, equivalente a 2,2% do PIB britânico.

O novo orçamento de Defesa é um sinal da posição global que o Reino Unido pretende tomar em um cenário pós-*Brexit* e de renovada relação especial com os EUA. Johnson afirmou sua intenção em fazer do país um superpoder europeu naval global ao fomentar o renascimento da indústria naval britânica, política que reforça o país em todos os sentidos. De fato, planos do Ministério da Defesa indicam o desejo de enviar seu *Carrier Striker Group* ao Indo-Pacífico no próximo ano e de ter uma “presença persistente” do *HMS Queen Elizabeth* e do *HMS Prince of Wales* na região, aumentando sua atuação para além do Euro-Atlântico. Esta decisão implicaria em pesados custos de manutenção para ter um

terço de sua Esquadra permanentemente no mar.

A maior parte do valor, no entanto, deve ser direcionada à criação de um comando espacial, ao desenvolvimento de inteligência artificial e de uma *National Cyber Force* para treinar *hackers* capazes de se defender de ameaças virtuais. Com estes direcionamentos, somados à perspectiva de investimento de US\$ 2 bilhões em pesquisa e inovação militar, fica claro que o Reino Unido se alinha ao movimento de outras potências, como EUA e França, na direção de garantir a capacidade e soberania tecnológica de suas Forças Armadas e fazer frente aos avanços chineses e russos nessa área, investindo em drones e cibersegurança.

Analistas têm lido o anúncio desta semana como um aceno de Johnson ao presidente eleito dos EUA, Joe Biden, mostrando o compromisso britânico a uma agenda de segurança cada vez mais global. Ainda que a revisão integrada da política externa e de Defesa britânica seja esperada apenas para o próximo ano, após o acordo final do *Brexit*, o novo orçamento é uma importante pista de que o Reino Unido pretende continuar a ser uma relevante peça no xadrez global.

O protagonismo russo na Síria

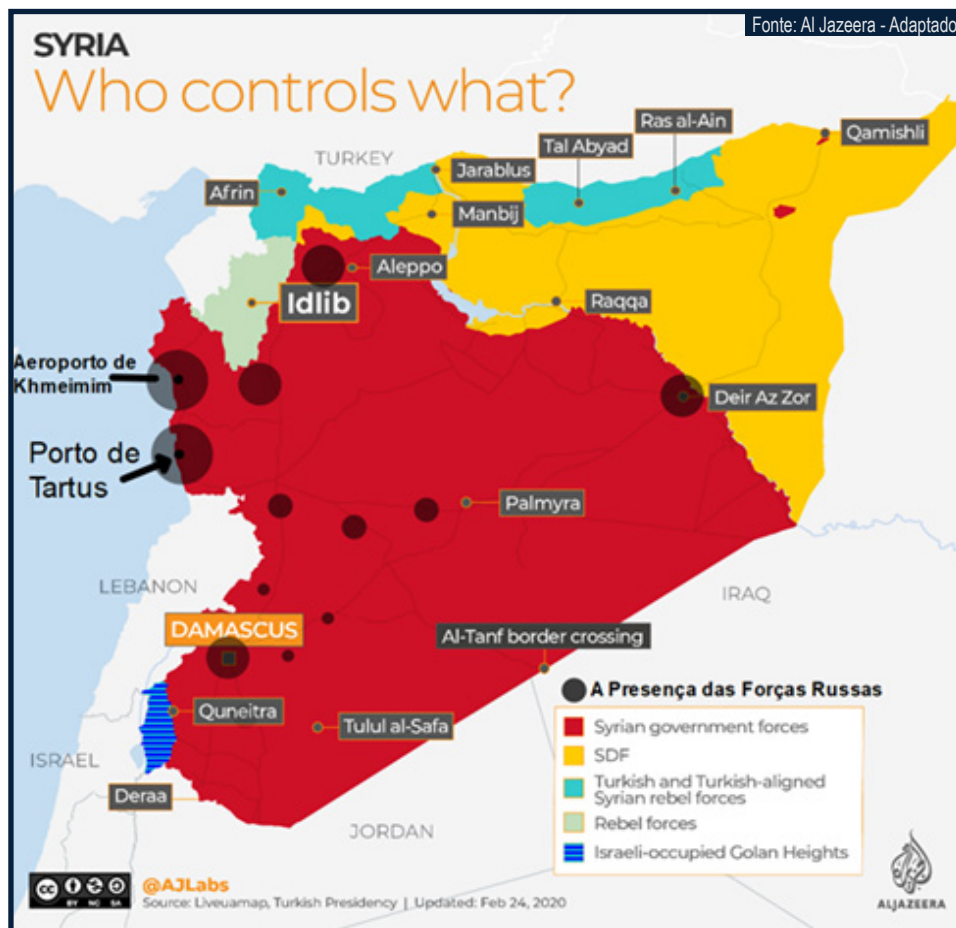
Adel Bakkour

No dia 26 de outubro, a Rússia atacou um campo de treinamento do grupo armado "Legião do Sham" (*Faylaq al-Sham*), que luta contra o regime do governo sírio, na região de Kafr Takharim em Idlib, deixando cerca de 170 mortos e dezenas de feridos. Ainda que, em março deste ano, tenha havido uma trégua entre a Rússia e a Turquia nesta região, os russos vêm realizando seguidos ataques aéreos, alegando concentração de grupos terroristas.

Desde 2015, a pedido do governo sírio, a Rússia participa militarmente no conflito, estando presente e tomando conta da base aérea de Khmeimim como centro operacional. Desde então, a região de Idlib vem concentrando refugiados provenientes de toda Síria e sofrendo ataques. A absorção de imigrantes tem deixado a Turquia em posição crítica, tendo recebido mais de 3,7 milhões de refugiados, o que a fez fomentar negociações com Moscou para baixar o nível de tensão na fronteira. Recentemente, a Turquia evacuou sua maior base militar na região de Idlib, uma das 12 instaladas na Síria ao longo dos últimos anos, que servia para manter e vigiar a trégua na região entre os grupos armados e forças russas.

A presença das forças russas no país remonta aos tempos de União Soviética, pelo fornecimento de apoio e armamentos ao Estado sírio desde a consolidação do poder do atual governo, em 1970. Atualmente, estão localizadas na Síria as duas maiores bases russas no Oriente Médio, Khmeimim, e a base naval de Tartus, a única base naval russa no Mediterrâneo. Nos últimos anos, a Síria vem comprando caças russos e estabelecendo acordos para treinamento de pilotos no país, sendo que, em maio deste ano, o Estado sírio fez nova compra, com destaque para o *Mikoyan MIG-29* e *MIG-31*.

Ainda que estes não sejam caças de última geração, o que reforça a postura russa em manter sua soberania sobre as principais operações, fica clara a importância da região ao país. Esta perpassa por alguns fatores, dentre os quais a normalização de relações entre Estados do Golfo árabe e Israel. Com uma possível facilitação de transporte de gás natural mais barato do Golfo à Europa, o gás russo ficaria em segunda opção, o que a Rússia busca evitar reforçando laços e presença na região.



Uma nova tentativa para encerrar a guerra civil na Líbia

Isadora Novaes Bohrer

No dia 15 de novembro, encerrou-se a primeira rodada de negociações entre 75 representantes de grupos rivais na guerra civil da Líbia, realizada na Tunísia, país vizinho. O principal objetivo era pavimentar o caminho para as eleições parlamentares e presidenciais definidas para 24 de dezembro de 2021 e nomear um governo transitório durante esse período, entretanto não houve consenso sobre as nomeações. Em 23 de outubro, as partes haviam se encontrado pela primeira vez em Genebra e determinado um cessar-fogo, estabelecendo um caminho para o diálogo.

Vale relembrar que a instabilidade na Líbia teve início em 2011, quando ocorreu a Primavera Árabe, e o assassinato do ditador Muammar al-Gaddafi, que governava o país há 42 anos. A morte de Gadafi levou a tentativas de se instituir um Estado democrático, as quais falharam, tendo o poder se fragmentado. O país, que possui a 8ª maior reserva de petróleo bruto do mundo, ficou repartido entre diversos grupos, entre esses, o governo da Câmara dos Representantes da Líbia (CPL) eleito em 2014, liderados pelo general do Exército Nacional Líbio, Khalifa Haftar, e o governo reconhecido

internacionalmente pela ONU, o Governo do Acordo Nacional (GNA, sigla em inglês), liderado desde então por Fayed al-Sarraj, localizado em Trípoli.

A estabilidade na Líbia é benéfica para toda a região. Nas últimas semanas, algumas produtoras de petróleo paralisadas pela guerra voltaram a operar — o produto representou 85% das exportações em 2018, expressando a dependência do país em relação à *commodity*. O retorno da produção chegou à marca de 1,21 milhões de bpd (barris de petróleo/dia) em 07 de novembro, número além do esperado pela *National Oil Corporation* (NOC) e demonstra que, com estabilidade e estrutura, é possível retornar aos 1,7 milhão de bpd produzidos em 2011. Além disso, significaria maior controle de suas fronteiras, diminuindo o fluxo de refugiados líbios e da África Subsaariana para a Europa, minimizando os gastos com Guarda Costeira e resgate de países como Itália, Grécia e Espanha. Para seus vizinhos, principalmente à Argélia, Tunísia e Egito, significaria mais estabilidade em suas divisas. Embora o diálogo apresente um esforço entre as partes, ainda é prematuro dizer que a guerra na Líbia está próxima do fim.

RÚSSIA & Ex-URSS

Os novos contornos da investida russa na África e sua base naval no Sudão

Luiza Guitarrari

No dia 06 de novembro, foi aprovado, pelo primeiro-ministro russo, Mikhail Mishustin, um projeto entre Rússia e Sudão, visando ao estabelecimento de uma base logística naval na costa sudanesa. O futuro acordo terá duração de 25 anos, tencionando ser a primeira base de apoio russo no continente africano. A base a ser construída no Sudão proporcionará uma posição estratégica relevante à Marinha russa nas Linhas de Comunicação Marítimas para o Mar da Arábia e Oceano Índico. Por conseguinte, o acordo deflagrou o avanço da Rússia Global ([Boletim 122](#)), a partir de sua presença estratégica no Mar Vermelho junto a potências militares como China e OTAN, no Djibuti, pequeno país situado no estreito de Bab el-Mandeb.

Segundo o portal oficial da Federação russa, o *hub* funcionará sob jurisdição russa, permitindo que sua Marinha possa atracar até quatro navios de guerra,

incluindo embarcações com sistema de propulsão nuclear. Aliado à designação de 300 militares russos, a base poderá ser utilizada para transferência de equipamentos bélicos diretamente a Cartum, e para manutenção da Marinha russa, que agora ganha uma valiosa escala naval ao sul do Canal de Suez — ponto focal entre o Mediterrâneo e o Oceano Índico. Especula-se que a instalação seja creditada em Port Sudan, principal porto do país e próximo à base central da Marinha sudanesa, em Flamingo Bay.

Embasado pelas diretrizes do Conceito de Política Externa russa (2016), Moscou tem buscado ampliar sua influência no continente africano, na última década, por meio da manutenção de interesses econômicos e militares: seja no âmbito da cooperação em segurança e na venda de armamentos, seja pela exploração de recursos energéticos e desenvolvimento nuclear no >>>

continente. Nesse sentido, em outubro de 2019, ocorreu o primeiro Fórum Econômico Rússia-África em Sochi, com presença de mais de 40 chefes de Estados africanos (Boletim 107).

O evento consagrou importantes parcerias estratégicas à Rússia, como o Egito, considerada uma das mais proeminentes forças navais dentre os países do Mar Vermelho e o segundo maior importador de armamentos russos no continente. Desse modo, o alinhamento com países africanos e a subsequente projeção geoestratégica russa conferem-lhe novos imperativos para estabelecer-se enquanto provedor de segurança na região, vide credibilidade de sua base militar na Síria.



LESTE ASIÁTICO

Eleições dos EUA e a política externa japonesa

A intensa disputa eleitoral estadunidense tem sido assunto central do mundo nos últimos dias. No que concerne a uma possível mudança, ou não, da relação entre o Japão e EUA, o primeiro-ministro japonês, Yoshihide Suga, foi bem categórico sobre o assunto. De acordo com Suga, “independentemente do resultado da eleição presidencial dos EUA, não haverá qualquer mudança em nossa posição...”.

A declaração de Suga reflete a política externa e de defesa japonesa nas últimas décadas. A manutenção da aliança Japão-EUA serve como contrabalanço às ameaças geopolíticas percebidas na região. Independente do presidente eleito, o primeiro-ministro, recém-empossado no cargo, tem que lidar com a crise da pandemia e o crescente aumento das tensões com a China. No âmbito doméstico, a crise da COVID-19 tem aumentado confrontos parlamentares, principalmente no que tange

Vinicius Guimarães Reis Gonçalves

aos cargos de confiança, e um crescente descrédito sobre a realização das Olimpíadas em 2021. Cabe lembrar que as Olimpíadas eram, em teoria, para ser o ápice da projeção do *soft power* japonês, conforme o plano estratégico do ex-premiê, Shinzo Abe.

Ao longo de seus mandatos, Abe foi muito criticado pela sua política econômica e de saúde, no que se refere ao controle da pandemia. Suga precisa ganhar a confiança da população e dos membros do Congresso Nacional em relação às duas problemáticas domésticas ora citadas. O primeiro-ministro sabe que, independente do presidente eleito nos EUA, terá que lidar com situações complexas, que envolvam tanto desafios quanto oportunidades no âmbito internacional.

O Japão pode assumir um papel de protagonismo na sua projeção internacional, ao fortalecer laços de segurança com parceiros estratégicos. Isto pode ser visto na escolha >>>

de Suga em visitar o Sudeste Asiático, como sua primeira viagem internacional. Contudo, o enfraquecimento da própria economia japonesa e a necessidade de investimento em projetos de política externa, como o desenvolvimento de um “Indo-Pacífico livre e aberto”, traz uma consequência séria: aumento da dependência do

mercado chinês. A despeito dos problemas geopolíticos, a China continua sendo um dos principais parceiros comerciais do Japão e seus aliados. Em um mundo “pós COVID” e “pós eleições estadunidenses”, o Japão se verá cada vez mais codependente de seu principal aliado e de seu principal rival.

África, Brasil e EUA em meio à segurança alimentar chinesa

Philippe Alexandre

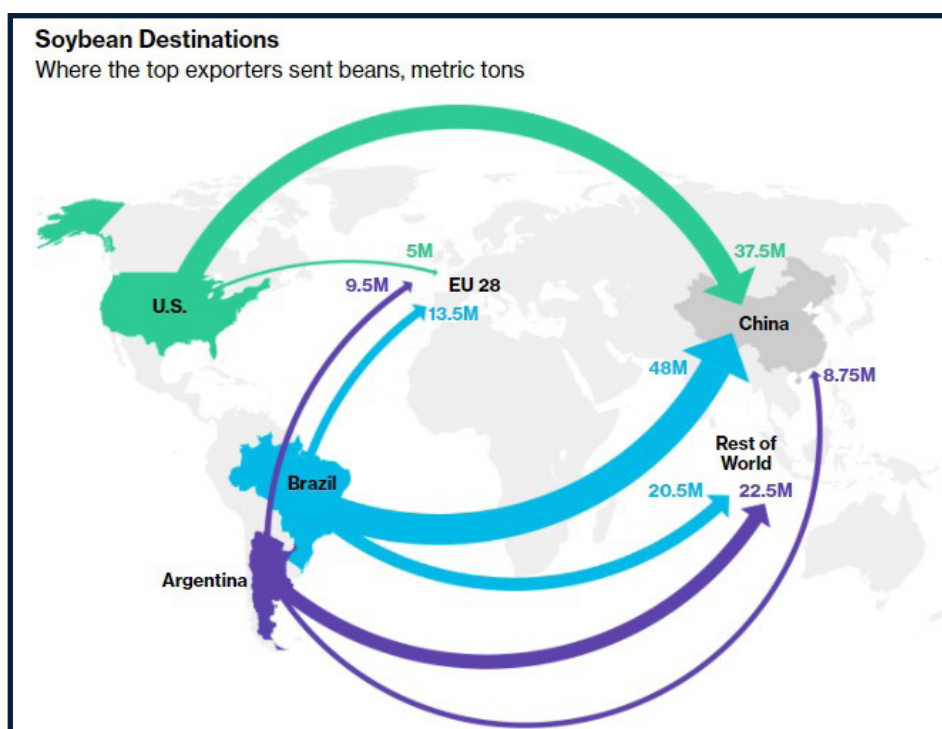
A notícia de que a Tanzânia passará a exportar soja para a China levantou preocupações sobre os impactos para o Brasil. A China é a maior importadora de soja do mundo e o Brasil, o maior exportador. A estratégia chinesa de segurança alimentar numa conjuntura internacional mais desafiadora pode explicar essa movimentação.

Cerca de 56% do território chinês é agricultável, garantindo que os chineses sejam autossuficientes na produção de arroz, trigo e milho (grãos essenciais para alimentação). A vulnerabilidade se dá com a soja, necessitando que esta seja importada de poucos produtores — 87% do total importado provém apenas do EUA e Brasil. Por conta disso e da crise da COVID-19, o governo chinês iniciou uma grande reforma agrícola, priorizando políticas públicas para o desenvolvimento agrícola doméstico. É um plano de resposta para garantir sua segurança alimentar em meio à pandemia, reduzindo a sua vulnerabilidade externa por alimentos básicos através da diversificação dos parceiros e ampliação da capacidade de fabricação e processamento.

Por se tratar da maior população do mundo (com previsão de crescer até pelo menos 2030), se demonstrando cada vez mais urbana (em torno de 60%), esse plano faz parte de uma ampla estratégia agroalimentar de longo prazo: dominar a tecnologia das cadeias agroalimentares

(comprando as grandes empresas globais especializadas na tecnologia de insumos químico-alimentares) e as cadeias de fornecimento (comprando as principais empresas de logística e distribuição). Ou seja, a estratégia chinesa implica dominar: tecnologia, insumos e logística de distribuição. Isso implica na criação de grandes conglomerados globalmente competitivos — como a *holding* estatal chinesa COFCO — que veem, na África, oportunidades de negócios e financiamentos em infraestrutura, energia e alimentos. Em contrapartida ao consumo das manufaturas chinesas, Pequim tem aberto o seu mercado para os africanos.

A China deve permanecer, nos próximos anos, como o principal destino das exportações mundiais de grãos. O país é o maior mercado para as exportações agrícolas do Brasil, e o terceiro para os EUA. Esse comércio pode aprofundar-se ainda mais nos próximos anos, já que a demanda chinesa deve crescer e os conglomerados chineses estão mais competitivos no mercado agroalimentar mundial. Portanto, embora elementos de natureza política possam impactar essas relações, a tendência já era de os produtos brasileiros e estadunidenses competirem com os de outros países pelo mercado chinês.



Modernização na Defesa e reorganização das Forças Armadas indianas

Marina Corrêa

Em 27 de outubro, durante o 3º Diálogo 2+2 entre Índia e EUA, os ministros da Defesa e das Relações Exteriores indianos e os secretários de Estado e Defesa estadunidenses assinaram o Acordo Básico de Intercâmbio e Cooperação (BECA, sigla em inglês) Indo-EUA para Cooperação Geoespacial, que servirá para padronização das imagens e informações geoespaciais entre as duas forças armadas. Esse acordo é o quarto pacto de Defesa entre os dois países e garante o compartilhamento de dados de satélites e sensores, possibilitando o ataque a alvos militares com maior precisão. Além disso, o pacote de dados compartilhado inclui mapas, cartas náuticas e aeronáuticas, sem mencionar dados geofísicos e gravitacionais, dando a possibilidade, inclusive, de determinar a direção dos fluxos de água (aspecto de suma importância para a Índia).

É importante destacar o momento oportuno em que o BECA foi estabelecido. Do lado estadunidense, tinha-se a eleição presidencial se aproximando, sem mencionar o interesse de conter a influência e presença chinesa, já do lado indiano, diversas questões se desenrolam. Primeiro, a presença militar na fronteira sino-indiana e o monitoramento das movimentações de tropas chinesas

na ALC (relembrando que foi justamente por imagens de satélite que, em setembro, a Índia conseguiu monitorar o deslocamento de comboios militares chineses na fronteira). Em segundo lugar, a Índia pretende reformular sua estrutura militar, adotando uma organização de cinco comandos de teatro até 2022 (Comando Norte, Ocidental, Peninsular, Defesa Aérea e um Marítimo — conferindo melhor integração entre as Forças e segurança das fronteiras e do espaço marítimo). Sendo assim, a soma das motivações, além da proteção do Indo-Pacífico, remete a um cheque-mate frente à China.

Haja vista que este acordo fortalece a relação militar e geoespacial, é preciso que a Índia defenda seus interesses nacionais. Isto posto, com a eleição de Joe Biden, a dependência indiana aos EUA — dada a implementação de sistemas de defesa — pode ser abalada frente à mudança da política que o premiê indiano construiu com Trump sobre a região do Indo-Pacífico e a contenção chinesa. Entretanto, se a parceria se fortificar, pode significar um afastamento com relação a Rússia, que é a maior exportadora de armamentos para a Índia, representando 56% das importações indianas, em 2019, segundo dados do SIPRI.



Disputas marítimas nas Ilhas Natuna

Iasmin Gabriele Nascimento

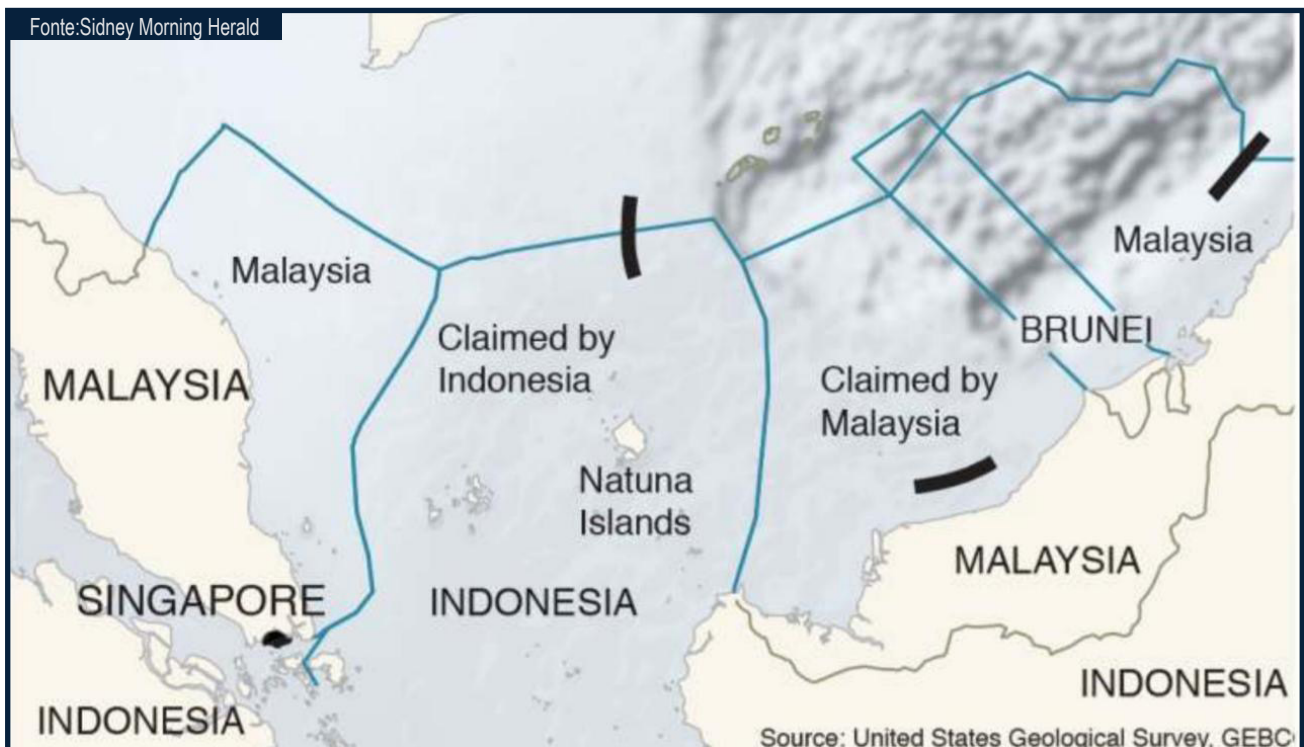
Entre junho e outubro de 2020, foram registrados trinta e um navios de bandeiras estrangeiras pescando ilegalmente na região das Ilhas Natuna. Dentre eles, vinte e um eram vietnamitas. No mesmo período do ano passado, vinte e três navios foram apreendidos, e apenas quatro tinham bandeiras do Vietnã. Em dezembro de 2019, Jacarta apresentou um protesto diplomático a Pequim, por conta da invasão de barcos de pesca chineses ao redor das Ilhas Natuna. Em janeiro de 2020, três embarcações militares indonésias expulsaram cerca de cinquenta navios de bandeira chinesa da área. As Ilhas Natuna fazem fronteira com o Mar do Sul da China, onde Brunei, China, Filipinas, Malásia, Vietnã e Taiwan possuem reivindicações.

O coordenador nacional da *Destructive Fishing Watch Indonesia*, Abdi Suhufan, acredita que o aumento nos números pode ter ocorrido por conta da redução de supervisão indonésia a navios de pesca estrangeiros ilegais. Como relatado no [Boletim 126](#), a Indonésia realizou cortes substanciais em seu orçamento de Defesa, enfraquecendo seu poder naval.

As Ilhas Natuna estão localizadas na província das

Ilhas Riau, a mais de 1.000 quilômetros de distância das Ilhas Spratly. As águas da região têm sido palco de confrontos entre navios da *Indonesian Naval and Maritime Affairs and Fisheries* e navios de pesca estrangeiros, principalmente do Vietnã e da China. As Ilhas representam fonte de disputas diplomáticas e de vulnerabilidade estratégica.

As respostas indonésias ao que ocorre no Mar do Sul da China e ao seu redor têm sérias consequências geopolíticas, pelo fato de que a Indonésia é líder da ASEAN e por sua crescente influência, não só no Sudeste Asiático, mas na Ásia como um todo. Qualquer resistência indonésia, principalmente aos movimentos chineses no Mar do Sul da China em termos estratégicos, beneficiaria, principalmente, Austrália, Estados Unidos da América, Japão, Cingapura e Vietnã. Um posicionamento mais firme de Jakarta contra Pequim se alinharia com os objetivos dos Estados Unidos e outros parceiros do Indo-Pacífico que buscam impor limites à China. Cabe à Indonésia, que possui as maiores Forças Armadas da região, decidir até que ponto vale a pena se envolver nesta questão.



A (não tão) nova estratégia russa para o Ártico

Pedro Silva

Entre os anos de 2008 e 2020, vigorou a primeira estratégia russa para o Ártico. Sob a égide desse documento, medidas foram tomadas buscando a consecução de seus objetivos, especialmente o de tornar o Ártico uma base de recursos e fonte de soluções para o desenvolvimento econômico e social da Federação Russa. Um dos legados dessa estratégia é o aumento da navegação da Rota Marítima Norte, que passou de 10,7 milhões de toneladas, em 2017, para 31,5 milhões de toneladas no ano de 2019. Em 26 de outubro de 2020, uma nova estratégia para o Ártico foi publicada, vigente até o ano de 2035. O objetivo primário dela é lançar as bases para políticas de desenvolvimento socioeconômico da Zona Ártica da Federação Russa (ZAR), aos quais se vinculam questões de segurança nacional e projeção de poder sobre e a partir do Ártico.

Novidades importantes, no entanto, estão expressas nos objetivos da estratégia e em algumas das metas traçadas. Tem-se a intenção de colocar o desenvolvimento da ZAR como parte vital da manutenção da soberania e

integridade territorial russa (objetivo prioritário), bem como declarar a busca pelo desenvolvimento da Rota Marítima Norte (RMN) como um corredor de transporte nacional competitivo globalmente. Além disso, há a intenção de aumentar a participação do petróleo extraído do Ártico para que ele responda por 26% da produção nacional, aumentar a produção de gás natural para 91 milhões de toneladas até 2035, além de aumentar a tonelagem transportada via RMN para o patamar de 130 milhões de toneladas até o ano de 2031.

Os objetivos e metas delineados apontam para a continuidade do desenvolvimento do Ártico russo com base na exploração de recursos energéticos e a busca pela viabilização da RMN enquanto corredor global de exportações. O novo documento também cristaliza a tendência da atuação russa no Ártico de entrelaçar desenvolvimento econômico, governança e segurança nacional como forma de proteger e avançar seus interesses na região.

TEMAS ESPECIAIS

Novas guerras: armas autônomas e companhias militares privadas

Ariane Francisco

Em 08 de novembro de 2020, durante uma entrevista à televisão, o chefe das Forças Armadas do Reino Unido, General Sir Nick Carter, discursou sobre o futuro das Forças Armadas do país, destacando o emprego de robôs. Sir. Nick Carter estima até 30 mil máquinas, ou ¼ das tropas, como parte das Forças Armadas britânicas até 2030. Nos últimos anos, as discussões em torno do uso de armas autônomas ou remotamente controladas têm crescido à medida em que novas tecnologias e modificações nas dinâmicas das guerras e conflitos se apresentam e, juntamente a esse desenvolvimento, acompanham também diversas questões morais e éticas derivadas do uso dessas tecnologias.

Uma das principais questões levantadas por diversos analistas deriva da autonomia em relação à distinção entre civis e combatentes, e a decisão sobre eles baseada em parâmetros previamente determinados. Outra importante questão se relaciona à responsabilidade das ações perpetradas pelas tecnologias autônomas. Tal responsabilidade cairia sobre a máquina, programadores, fabricantes, ou autoridades das Forças Armadas de um país?

De maneira similar, o uso de companhias militares

privadas (CMP) e combatentes mercenários levanta questionamentos acerca da responsabilidade pelas ações dos mesmos. Apesar do uso de mercenários em conflitos não ser uma novidade, atualmente, algumas CMPs operam como grandes empresas multinacionais, com largos orçamentos, poder bélico de ponta e número de tropas maiores do que exércitos convencionais de Estados. Apesar de estarem sob certa legislação, a atuação dessas tropas ainda é um pouco difusa, com analistas destacando a potencial falta de transparência em operações e contratos existentes.

As "Novas Guerras", conceito cunhado pela acadêmica britânica Mary Kaldor, no pós-Guerra Fria, parece, assim, tomar novas definições, dimensões e características, englobando, mais do que nunca, questões éticas e morais. Estas, sobre o alcance de atuação e *accountability* relacionadas a essas novas formas, meios e atores nas guerras e conflitos armados. Tais mudanças latentes obrigam, da mesma forma, reflexões, investimentos e esforços de planejamento estratégico sobre a adaptação e desenvolvimento das Forças Armadas estatais, assim como exige o diálogo de órgãos internacionais frente a esses temas.

- ▶ [Ten trends to watch in the coming year](#)
THE ECONOMIST, Tom Standage
- ▶ [Russia's Search for Strategic Depth](#)
GEOPOLITICAL FUTURES, George Friedman
- ▶ [The Pandemic Is Revealing a New Form of National Power](#)
THE ATLANTIC, Uri Friedman
- ▶ [Wildfires, Droughts, Pandemics. Is this Our Future? How to Build a Safer World.](#)
TIME, Fareed Zakaria
- ▶ [SECNAV calls for standing up new numbered fleet in the Indo-Pacific](#)
NAVY TIMES, Geoff Ziezulewicz
- ▶ [Would China Really Invade Taiwan? Maybe, But the Costs Would Be Nuts.](#)
THE NATIONAL INTEREST, Kris Osborn
- ▶ [How China's Belt and Road Could Help or Hurt the Oceans](#)
THE MARITIME EXECUTIVE, Mischa Turschwell, Ryan M. Pearson e Christopher Brown
- ▶ [Pirates are kidnapping more seafarers off West Africa, IMB reports](#)
ICC

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

NOVEMBRO

29 2º turno das Eleições locais e regionais no Brasil

DEZEMBRO

06 Eleições parlamentares na Venezuela

06 Eleições Parlamentares na Romênia

07 Eleições gerais em Gana

10-11 Reunião do Conselho Europeu

27 Eleições presidenciais na República Centro Africana

27 Eleições gerais no Níger

31 Fim do período de transição do BREXIT

REFERÊNCIAS

- **Instabilidade multifacetada do Peru: crise político-institucional, sanitária e geopolítica**

FOWKS, J. [El Congreso de Perú elige como presidente interino al veterano dirigente Francisco Sagasti](#). El País, 16 nov. 2020. Acesso em: 19 nov. 2020.

FORD, A. [Contrabando se torna sangrento entre Ecuador y Perú](#). InSight Crime, 17 nov. 2020. Acesso em: 19 nov. 2020.

- **O Conflito das Malvinas: mais um embargo britânico à Argentina**

MARQUES, L. [EUA aprovam venda de P-3 Orion para Argentina](#).

Contato Radar, 21 dez. 2019. Acesso em: 21 nov. 2020.

[UK bars sale of South Korean fighter jets for the Argentine air force](#).

MercoPress, 31 out. 2020. Acesso em: 07 nov. 2020.

- **Armamentos das futuras fragatas canadenses**

CANADA. [Canadian Surface Combatant](#). Marinha Real Canadense. Acesso em: 19 nov. 2020.

VAVASSEUR, X. [Royal Canadian Navy Unveils New Details On CSC Frigates](#). Naval News, 09 nov. 2020. Acesso em: 19 nov. 2020.

- **Etiópia: rumo à guerra civil**

CUETO, J. [Entenda porque a Etiópia está à beira de uma guerra civil](#).

UOL, 15 nov. 2020. Acesso em: 16 nov. 2020.

DE WAAL, A. [Tigray crisis: Why Ethiopia is spiraling out of control](#). BBC, 15 nov. 2020. Acesso em: 16 nov. 2020.

- **O Comando Espacial da OTAN**

BREWSTER M. [With its new space centre, NATO seeks the ultimate high ground](#). CBC News, 24 out. 2020. Acesso em: 06 nov. 2020.

OTAN. [NATO's approach to space](#). Encyclopedia of NATO Topics, 23 out. 2020. Acesso em: 06 nov. 2020.

- **Novo orçamento de Defesa sinaliza as prioridades do Reino Unido**

SABBAGH, D. [Hackers HQ and Space Command: how UK defence budget could be spent](#). The Guardian, 18 nov. 2020. Acesso em: 20 nov. 2020.

STOREY, I. [Can the UK Achieve Its Naval Ambitions in the Indo-Pacific?](#) The Diplomat, 07 nov. 2020. Acesso em: 20 nov. 2020.

- **O protagonismo russo na Síria**

[Russian strikes kill at least 78 in opposition's training camp in Syria's Idlib](#). Daily Sabah, 26 out. 2020. Acesso em: 29 out. 2020.

[Turkey evacuates largest military base in Syria](#). Middle East Monitor, 03 nov. 2020. Acesso em: 03 nov. 2020.

- **Uma nova tentativa para encerrar a guerra civil na Líbia**

[Libya rivals agree to reopen main coastal road, implement truce](#). Al Arabiya, 12 nov. 2020. Acesso em: 24 nov. 2020.

[UN-led Libya talks end without agreeing on interim government](#). Al Arabiya, 16 nov. 2020. Acesso em: 24 nov. 2020.

- **Os novos contornos da investida russa na África e sua base naval no Sudão**

TREVITHICK, J. [Russia to establish naval base capable of supporting nuclear powered ships in Sudan](#). The Drive, 16 nov. 2020. Acesso em: 20 nov. 2020.

BRATERSKY, A. [Sudan to host russian military base](#). Defense News, 13 nov. 2020. Acesso em: 20 nov. 2020.

- **Eleições dos EUA e a política externa japonesa**

SUGIYAMA, S. [Suga calm in face of Diet onslaught but leaves big question unanswered](#). Japan Times, 06 nov. 2020. Acesso em: 24 nov. 2020.

PARAMESWARAN, P. [Southeast Asia and Japan's Indo-Pacific Vision: What's Next After Suga's ASEAN Tour?](#). The Diplomat, 29 out. 2020. Acesso em: 24 nov. 2020.

- **África, Brasil e EUA em meio à segurança alimentar chinesa**

NYABIAGE, J. [China to start buying soybeans from Tanzania as it seeks new suppliers](#). South China Morning Post, 29 out. 2020. Acesso em: 06 nov. 2020.

SEIXAS, ALVES M.. [Em busca de segurança alimentar, China se prepara para a fase pós-Covid-19 e pode influenciar o agronegócio brasileiro](#). EMBRAPA, 05 jun. 2020. Acesso em: 06 nov. 2020.

- **Modernização na Defesa e reorganização das Forças Armadas indianas**

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. [U.S., India Meeting Looks to Deepen Cooperation](#). Departamento de Defesa dos Estados Unidos, 28 out. 2020. Acesso em: 02 nov. 2020.

BHUSHAN, R. [What are the five integrated theatre commands as India gears up for its biggest military restructuring since 1947, and other key questions answered](#). Money Control, 28 out. 2020. Acesso em: 02 nov. 2020.

- **Disputas marítimas nas Ilhas Natuna**

MULYANTO, R. [It's not just the South China Sea: Vietnamese vessels in Indonesian waters show extent of maritime disputes in Asean](#). South China Morning Post, 02 nov. 2020. Acesso em: 05 nov. 2020.

NABBS-KELLER, G. [Can Indonesia lead? Maritime tensions with China escalate](#). The Lowy Institute, 09 jan. 2020. Acesso em: 05 nov. 2020.

- **A (não tão) nova estratégia russa para o Ártico**

GUNN BYE, H. [Russia's Updated Arctic Strategy: New Strategic Planning Document Approved](#). High North News, 28 out. 2020. Acesso em: 15 nov. 2020.

[NSR Shipping traffic – Transits in 2019](#). CHNL Information Office. Acesso em: 15 nov. 2020.

- **Novas guerras: armas autônomas e companhias militares privadas**

AAS, F. [Outsourcing War: Mercenaries as a Foreign Policy Tool](#). The McGill International Review, 27 out. 2020. Acesso em: 21 nov. 2020.

SABBAGH, D. ['Robot soldiers could make up quarter of British army by 2030s'](#). The Guardian, 08 nov. 2020. Acesso em: 21 nov. 2020.

CAPA:

[GUARDA COSTEIRA INDONÉSIA INTERCEPTA BARCO PESQUEIRO VIETNAMITA PERTO DAS ILHAS NATUNA](#).

POR: AFP

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em cinza representam conflitos que monitoramos, caso

tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e mortos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os países com maior número de infectados, e os países com maior número de infectados na África e na Oceania de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho, laranja e amarelo de acordo com o número de casos totais.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

► ALTO RISCO:

- IÊMEN — Guerra civil e crise humanitária: [US keeps ‘all options’ open for Yemen’s Houthis](#). Arab News, 23 nov. 2020. Acesso em: 24 nov. 2020.
- LÍBANO — Crise estrutural: [Source: US undermining formation of Lebanon government](#). Middle East Monitor, 24 nov. 2020. Acesso em: 24 nov. 2020.
- VENEZUELA — Crise estrutural: [Estados Unidos ayuda a sobrevivir al régimen de Venezuela](#). Foreign Affairs, 17 nov. 2020. Acesso em: 23 nov. 2020.
- ETIÓPIA — Crise política: [Tigray crisis: Why Ethiopia is spiraling out of control](#). BBC, 15 nov. 2020. Acesso em: 24 nov. 2020.
- BELARUS — Crise política e tensões com o bloco europeu: [EU to impose more Belarus sanctions, including on firms](#). Reuters, 19 nov. 2020. Acesso em: 23 nov. 2020.
- MOÇAMBIQUE — Conflito entre governo e forças insurgentes: [Moçambique e Tanzânia anunciam operações conjuntas contra violência em Cabo Delgado](#). TSF, 23 nov. 2020. Acesso em: 24 nov. 2020.
- FRONTEIRA ENTRE ARMÊNIA E AZERBAIJIÃO — Conflito armado na região de Nagorno-Karabakh: [Nagorno-Karabakh: Azeri army enters first territory ceded by Armenia](#). DW, 20 nov. 2020. Acesso em: 23 nov. 2020.

► MÉDIO RISCO:

- LÍBIA — Escalada da guerra civil: [Turkey winner of Libya war, tactics to set precedent for others, study says](#). Daily Sabah, 24 nov. 2020. Acesso em: 24 nov. 2020.
- MEDITERRÂNEO ORIENTAL — Aumento das tensões entre Grécia e Turquia: [Erdogan calls on EU for dialogue, says Turkey's future in Europe](#). Aljazeera, 21 nov. 2020. Acesso em: 23 nov. 2020.

• MAR DO SUL E DO LESTE DA CHINA, HONG KONG & TAIWAN — Avanço chinês sobre as regiões: [China accuses 'dangerous' US of 'creating chaos' in Asia](#). Al Jazeera, 24 nov. 2020. Acesso em: 24 nov. 2020.

• SÍRIA — Tensões na região de Idlib: [By all parties... aid workers are under targeting in Idlib](#). Enab Baladi, 23 nov. 2020. Acesso em: 24 nov. 2020.

• FRONTEIRA SINO-INDIANA — Impasse na ALC: [China-India border dispute: massive convoy delivers winter supplies to troops at Himalayan outposts](#). South China Morning Post, 23 nov. 2020. Acesso em: 24 nov. 2020.

• COSTA DO MARFIM — Crise política: [Cote d'Ivoire's Post-Election Political Crisis Shows Little Sign of Abating](#). World Politics Review, 20 nov. 2020. Acesso em: 24 nov. 2020.

► EM MONITORAMENTO:

• UCRÂNIA — Tensões transfronteiriças Rússia-Ucrânia: [Ukraine to propose OSCE police in latest Donbass peace push: sources](#). Reuters, 13 nov. 2020. Acesso em: 23 nov. 2020.

• BOLÍVIA — Crise política e social: [Ataque a alcaldesa de Sipe Sipe provoca el rechazo internacional](#). Opinión, 19 nov. 2020. Acesso em: 23 nov. 2020.

• ESTADOS UNIDOS — Crise política: [Key government agency acknowledges Biden's win and begins formal transition](#). CNN, 23 nov. 2020. Acesso em: 24 nov. 2020.

• PERU — Crise política: [Presidente interino de Perú dice "no es el momento" de plantear una nueva Constitución](#). Reuters, 20 nov. 2020. Acesso em: 24 nov. 2020.

• CHILE — Crise política e social: [Los turbulentos 698 días de Mario Rozas como general director de Carabineros](#). La Tercera, 19 nov. 2020. Acesso em: 23 nov. 2020.

• TAILÂNDIA — Escalada de tensões em manifestações contra o governo: [Thousands protest in Bangkok after Thai parliament votes on constitutional reform](#). CNN, 18 nov. 2020. Acesso em: 24 nov. 2020.

• QUIRGUISTÃO — Crise política: [What's in Kyrgyzstan's Proposed 'Khanstitution'?](#) The Diplomat, 20 nov. 2020. Acesso em: 24 nov. 2020.